



Fotos Capa

Canjerana, guajubi, guabirobeira... Mas que "bicho" é esse? São nomes de árvores nativas, aprenderam as crianças do culto infantil das comunidades evangélicas de Erexim, de Barra do Sarandí e de Aratiba (ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB). A atividade foi organizada pelo Capa, na Comunidade Luterana de Barra do Sarandí, próxima ao lago da barragem de Ita. As crianças, junto com seus pais, plantaram 70 mudas de árvores nativas.



O tema trabalhado foi "A árvore é o sinônimo da vida". As crianças plantaram mudas de angico-vermelho, canjerana, cedro, goiabeira, guabiju, guabirobeira, louro-pardo, paineira, pitangueira, quebramachado, sibipiruna, uvaia, entre outras. As mudas de espécies nativas do Alto Uruguai foram fornecidas gratuitamente pelo Horto Botânico da Usina Hidrelétrica Itá.



o recado da terra

Ano XIV, número 30, dezembro de 2006



O campo que gera vida e renda



Agricultores confraternizam em Verê

Página 4

Vale do Sol produz mel ecológico

Página 10

Aumenta o uso de agrotóxico no RS

Página 11

Criando possibilidades

Neste número do Recado da Terra estamos trazendo notícias sobre oportunidades de trabalho e renda no campo. Exemplos de grupos que lutaram muito pela construção de cooperativas e de agroindústrias e que estão, devagarinho, começando a colher frutos.

Por exemplo, algumas agroindústrias estão finalizando o pagamento dos empréstimos e começam a remunerar seus sócios. Também estão criando novos empregos e terceirizando trabalho, onde antes não havia nenhuma possibilidade. A única saída sempre foi buscar alternativas na cidade. Mas está claro que pode existir outro caminho, se houver união e força dos grupos.

No entanto, ainda há muito o que fazer, especialmente no que se refere à burocracia. Assim como as iniciativas comunitárias de geração de renda que atuam na área urbana, as organizações no campo enfrentam as mesmas dificuldades, principalmente nas questões de formato jurídico, comercialização e fiscalização de higiene e saúde (na área de alimentação). É preciso adequar a legislação – para atender o tamanho e formato desses empreendimentos.

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Capa, que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Núcleos e coordenações

Núcleo Erechim/RS – Ingrid Giesel

capa-erexim@capa.org.br

Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar

capa-rondon@capa.org.br

Núcleo Santa Cruz do Sul/RS – Jaime Weber

capa-santacruz@capa.org.br

Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita

capa-pelotas@capa.org.br

Núcleo Verê/PR – Rome Schneider

capa-verê@capa.org.br

Editora: Susanne Buchweitz (Reg. prof. 5788)

Jornalistas: Daniel Hammes e Batista Weber

Projeto gráfico e editoração: Cristina Pozzobon

Fotografias: Paulino Menezes, arquivo Capa, Fernanda Finkler/Folha do Vale do Sol

O Recado da Terra circula duas vezes ao ano. Esta edição foi impressa em dezembro de 2006. Para mais informações, acesse www.capa.org.br

Instituições parceiras do Capa

Fundação Luterana de Diaconia – FLD e Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento/ Evangelischer Entwicklungsdienst – EED



Boa alimentação – uma prática de cidadania

Adquirir alimentos em feiras ecológicas, diretamente do produtor, tem várias vantagens – inclusive sociais. Além de permitir uma dieta saudável, com produtos ecológicos sem agrotóxicos, você estará fomentando a economia local e estimulando a permanência de pessoas no meio rural. Em outras palavras: alimentar-se corretamente e com produtos ecológicos, além de fortalecer o corpo, revitaliza também a prática da cidadania da qual estamos tão famintos.



O bom alimento garante uma vida melhor

Fenômenos típicos dos processos de industrialização e urbanização, bem como o ritmo alucinante em que o ser humano vive, estão levando a uma alimentação baseada em grandes quantidades de alimentos industrializados.

O conceito de qualidade na alimentação sofreu muitas transformações no decorrer dos anos. Inicialmente, características como a aparência e o paladar bastavam para associar qualidade a um alimento. Com o refinamento, como ocorreu com a farinha de trigo, com o açúcar, o conceito de “pureza” e qualidade era associado a todo alimento processado industrialmente.

Hoje, a alimentação moderna está gerando sérias consequências, como baixa qualidade dos produtos alimentícios com relação à sua toxicidade, refletida no grande número de aditivos químicos sintéticos, resíduos de agrotóxicos, processos de refinamento, processamento, entre outros, bem como uma superalimentação protéico animal, excesso de calorias, consumo excessivo de sal, açúcar, gordura. A consequência é o aumento de doenças crônico-degenerativas como diabetes, hipertensão, arteriosclerose, obesidade, entre outras. E, ainda, uma insuficiência de fontes de vitaminas, sais minerais e de fibras na nossa alimentação,

sendo necessária a complementação com medicamentos, onde esta está ficando sempre mais cara e sintética.

Uma alimentação saudável não se limita a “encher” o estômago. Além de responder às necessidades nutricionais, deve potencializar todas as suas funções biológicas vitais, bem como promover um bem-estar nos planos físico, mental e espiritual. E podemos buscar isso através de uma alimentação mais saudável, natural e integral. Não basta apenas cultivarmos o propósito de “não morreremos pela boca” – podemos também obter qualidade de vida através do que ingerimos.

Enquanto falamos de fome e desnutrição, poucos sabem que nos países ricos a alimentação industrializada está provocando doenças crônicas gravíssimas, muito mais difíceis de solucionar do que os problemas relacionados com a desnutrição.

Nossa alimentação é calculada apenas pela medição de calorias ou pela ingestão adequada de nutrientes. Porém, de nada adianta consumir minerais e vitaminas provenientes de um alimento contaminado com agrotóxicos ou com um desequilíbrio na proporção de seus nutrientes, o que torna esse ali-

mento incapaz de promover a vitalização e de estimular o organismo como um todo.

Sabemos o quanto os sistemas de produção influenciam a nossa alimentação. Precisamos, nós consumidores, conscientizar-nos da importância de uma alimentação livre de aditivos, tóxicos, alimentos geneticamente modificados e produzidos por sistemas de exploração do ser humano.

Uma dica prática é o consumidor buscar, na região onde mora, feiras de produtores ou associações de produtores ecológicos. Desta forma, o consumo de uma dieta equilibrada com produtos ecológicos na esfera regional contribui para estimular a permanência de pessoas no meio rural e para fomentar a economia local, bem como propiciar, além de uma alimentação natural e saudável, um alimento gerado de um processo mais justo e solidário. Em outras palavras: alimentar-se corretamente e com produtos ecológicos, além de vitalizar o corpo, revitaliza também a prática da cidadania da qual estamos tão famintos.

Valdete Jantsch, economista doméstico, Capa Erexim

Festa ecológica

No dia 10 de setembro realizou-se, na localidade de Cerrito, em Cachoeira do Sul – RS, o 7º Encontro de Agricultores Familiares Ecológicos. O Grupo Terra Viva recebeu agricultores dos Vales do Rio Pardo e Taquari.

O evento teve como um dos destaques o momento cultural. O Grupo Terra Viva apresentou em sua mística, de forma poética, alguns elementos da natureza. A equipe técnica do Capa mostrou, de forma atrativa, em que consiste o cultivo agroecológico e o por que de valorizar esta “opção de vida.”

O evento reuniu aproximadamente 150 agricultores familiares ecológicos. Este encontro, entre outros objetivos, visa a reunir as famílias, confraternizar, estimular a participação e possibilitar momentos de entretenimento e bem estar, que também fazem parte dos princípios da Agroecologia.

Outro desenvolvimento

Os projetos e o trabalho do Capa foram apresentados na cidade de Bagé – RS, no mês de novembro, dentro do seminário “Bagé, atual e futura”, que discutiu alternativas de modelos de desenvolvimento. O engenheiro agrônomo Ernesto Álvaro Martínez falou sobre a estrutura do Capa, dividida em cinco núcleos, apresentando um panorama geral do trabalho que vem sendo realizado há 28 anos.

Parceria com UERGS

Representantes de alunos e professores do curso de Horticultura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS estiveram na sede do Capa Santa Cruz para discutir uma proposta de parceria. Com isso os estudantes, poderiam realizar atividades acadêmicas de forma prática, além de estágios curriculares.

“A idéia é interessante e nos agrada”, confirmou o coordenador Jaime Weber. “É uma demonstração de que a Universidade Estadual reconhece o nosso trabalho e, por outro lado, é uma oportunidade concreta de aproximar e propor a interação entre os acadêmicos e o trabalho prático com os agricultores”.

Promoção internacional

O trabalho do Capa, que ficou entre os primeiros lugares do prêmio da Caixa Econômica Federal “Melhores práticas de gestão em 2005”, também se destacou na premiação internacional – Prêmio Internacional Dubai 2006, promovido pela ONU/Habitat. De 703 projetos de todo o mundo, 126 foram selecionados como melhores práticas e passarão a integrar o banco de dados do *Best Practices and Local Leadership Programme* (Melhores práticas e programas locais de liderança, em português) – entre os quais cinco brasileiros: a Rede de Cooperação e Comercialização Solidária, Capa – Rio Grande do Sul; Desenvolvimento Sustentável da Região Sisaleira – Bahia; Cooperativismo Familiar – Produção de Alimentos Saudáveis, Uso de Energia Renovável e Conservação da Mata Atlântica por Famílias Assentadas de Reforma Agrária, Bahia; Projeto Integrado Mudando para Melhor Burity, Mato Grosso do Sul; e Projeto Ribeira Azul, Bahia.

Em correspondência encaminhada pela Superintendência Regional, a CEF cumprimenta a direção do Capa, dizendo estar “satisfeita com a classificação obtida pelo Projeto Rede Solidária no concurso internacional”. Assinada pelo superintendente regional, Mauro Roberto Bom, pelo gerente regional – Governo e Judiciário, Evaldir Michielin, e pela gerente regional de Marketing e Comunicação, Flávia Kuhn, o texto reafirma “a parceria com o Capa, desejando muito sucesso em todos os projetos desenvolvidos. Parabéns!”.



Ingrid Giesel e o filho Vinícius no estande em Panambi

Gosto bom no Concílio

O Concílio Geral, órgão máximo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB –, promoveu seu encontro em Panambi – RS, entre os dias 12 a 15 de outubro, quando reconduziu o pastor Walter Altmann ao cargo de pastor presidente.

O encontro, que acontece de dois em dois anos, contou com um estande do Capa, junto com a Fundação Luterana de Diaconia e o Conselho de Missão entre Índios – Comin. A representante da coordenação do Capa, engenheira agrônoma Ingrid Giesel, de Erexim, falou na plenária, agradecendo ao apoio que a IECLB tem dado à questão dos agricultores familiares e à produção ecológica.

Os presentes também puderam provar da erva para chimarrão sem agrotóxicos e se deliciaram com as rapaduras e salgadinhos ecológicos distribuídos nos momentos de intervalo. “É uma pequena prova – mas muito significativa – do esforço dos agricultores ecológicos e do belo trabalho que realizam”, disseram muitos conciliares.

Mudança de hábitos

Em Saltinho – SC, as mulheres da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – Oase – grupo muito atuante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, resolveram experimentar uma mudança no seu tradicional café colonial. Assim, junto com a usual polenta frita, costeletas fritas, queijo, pão, Cleci Koch – por solicitação do Capa – discutiu e planejou com as mulheres da Oase a inserção de outros itens mais naturais e mais saudáveis no cardápio.

Cucas, pães e tortas integrais, bolachas de girassol e pastéis integrais assados foram oferecidos para as cerca de 200 pessoas que participaram do café colonial. O retorno foi extremamente positivo. “Foi um público interessante e uma boa oportunidade de conhecer a diferença entre um alimento e outro, além de despertar o gosto pelos produtos naturais e integrais”, confirmou Valdete Jantsch, do Capa Erexim, que participou da proposta.

Plantar para colher

Este foi o nome escolhido pelas crianças da Creche Municipal Bem Me Quer, em Santa Cruz do Sul – RS, para a horta ecológica desenvolvida na instituição escolar e inaugurada no dia 2 de agosto. A inauguração contou com a presença do secretário municipal de Educação e Cultura, Nasário Eliseu Bohnen, professores, pais, integrantes do Capa e crianças da creche.

O projeto foi desenvolvido no intuito de fornecer uma alimentação mais sadia e ensinar o valor de se produzir e consumir alimentos ecológicos, livres de adubos químicos, agrotóxicos e transgênicos. O “Plantar para Colher”, criado pelos professores e pelos alunos (de 4 e 5 anos), vai beneficiar aproximadamente 200 crianças atendidas pela creche.

Segundo a idealizadora Verônica de Fátima Queiroz, entre os principais objetivos estão o de “trabalhar com a agroecologia e mostrar para as crianças, bem como para toda a comunidade escolar, seus benefícios para a melhoria da qualidade de vida”.

Já o secretário Bohnen destacou a importância da iniciativa e a parceria entre a creche municipal e o Capa. “Trabalhos como este tendem a mudar a mentalidade e trazer resultados muito positivos em relação ao futuro de nossas crianças”, confirmou.

Confraternização no Dia da Árvore

Em Verê, os agricultores foram homenageados no dia 21 de setembro, data que marca o Dia da Árvore. “Comemoramos pela primeira vez no ano passado, na propriedade da família Lang, e foi um sucesso”, contou Rome Schneider, coordenadora do Capa Verê. “Nosso objetivo foi sair um pouco do tradicional 25 de julho, quando acontecem muitas atividades em muitos lugares”, confirmou ela.

A iniciativa deu tão certo que está virando data tradicional no calendário do Capa, aproveitando para reunir os grupos assessorados para uma grande confraternização. Este ano, a propriedade escolhida para sediar o evento foi a da família Gaio, em São Jorge D’Oeste. Cerca de 80 agricultores estiveram presentes.

A programação teve início com uma meditação sobre o tema “sementes”. A seguir, houve fala das lideranças presentes e do prefeito anfitrião Adair Cecatto. “Tivemos também uma palestra sobre “Sementes” com o engenheiro agrônomo Ivo Macagnan, do Capa Extensão Saltinho”, disse Rome.

Depois do almoço, veio a parte



Adultos e crianças se divertiram no encontro

de diversão. Os presentes se divertiram com várias brincadeiras e uma gincana muito animada. A programação encerrou-se no final da tarde, com uma avaliação positiva dos participantes. “A avaliação dos participantes foi animadora, eles consideram o evento simples e com o seu jeito de ser. Para o ano que vem, cada um se comprometeu a trazer mais um agricultor, para que mais pessoas possam compartilhar da troca de experiência e de momentos de descontração”, contou a

coordenadora. O encontro fez sentido pois todos presentes têm os mesmos ideais de vida.

Já para a equipe, foi mais um desafio. “Todos colaboraram com suas habilidades na organização e preparamos o evento pensando em cada família assessorada por nós”, avaliou Rome. “É mais uma forma de dizer – estamos presentes – para o nosso público. No ano passado, tivemos cerca de 60 participantes, este ano o grupo aumentou, então isso é bastante significativo”.

Capa organiza seminário em Brasília

No dia 20 de julho realizou-se em Brasília – DF o Seminário Internacional Diálogo entre Organizações Não Governamentais – ONGs e Governos para a implementação das Convenções de Estocolmo (COP) e Rotterdã (PIC) no Cone Sul. O Capa, através do coordenador Jaime Weber de Santa Cruz do Sul – RS é a organização coordenadora da Rede de Ação em Praguicidas e suas Alternativas para a América Latina (RAP-AL) no Brasil, que esteve encarregada da realização do encontro este ano.

Os seminários acontecem anualmente, desde 2001. Seu objetivo é estabelecer vias de participação e fortalecer a comunicação entre os grupos de interesse da sociedade civil e ONGs com as autoridades nacionais e/ou representantes dos governos dos países do Cone Sul. O evento trata de temas relacionados com ambiente, substâncias químicas perigosas e também de questões locais relacionadas com produtos químicos, como agrotóxicos, resíduos industriais e outros.

Segundo Jaime Weber, “as apresentações das ONGs e dos países representados demonstram uma séria preocupação com os inúmeros problemas ambientais causados pelos contaminantes químicos, principalmente da agricultura

e da indústria. Existe um consenso de que para diminuir estes impactos devem ser realizadas ações em parceria entre governos e sociedade civil, transpondo fronteiras entre estados e países, porque se tratam de contaminações que afetam todo o planeta.”

O evento, que reúne representantes do poder público e de ONGs dos países membros da região do Cone Sul – Chile Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina –, corresponde a uma iniciativa da RAP-AL, centro regional de *Pesticide Action Network* – PAN Internacional e membro da Rede Internacional de Eliminação de Contaminantes Orgânicos Persistentes – Ipen.



Tema mobilizou importantes parceiros

A febre da terra

Ainda sobre o tema tratado no último Recado da Terra (estiagem e seca), os agricultores Francisco Carniel e Nelci Pasa, de Verê, no Paraná, dão o seu depoimento:

Como o senhor sentiu a falta da chuva?

Francisco Carniel – Muito ruim, ficamos sem água para pastagem, pouca água para irrigação de hortaliças.

É possível sentir uma diferença entre hoje e anos anteriores?

Carniel – Não tinha problema de estiagem, tinha sempre mais chuva do que estes anos. Não se sentia a falta de chuva.

Sua propriedade está sofrendo com este período mais longo de estiagem?

Carniel – Sim. Com todas as culturas, só tem para o consumo de casa.

Quando foi a última vez que o senhor presenciou período longo de estiagem?

Carniel – No ano de 2005. Teve um ano que ficamos seis meses sem chuva, acho que foi 1978. No ano de 1994/95 no verão teve falta de água de chuva e água de fonte.

Como estão resolvendo ou pensando para o futuro em caso de continuar este longo período de seca?

Carniel – Reflorestar ao redor do açude, onde tem nascente, pois não tem árvores. Onde tem água para beber e irrigar está bem protegido.

Dona Nelci, como a senhora viu a falta de chuva na propriedade e na região?

Nelci Pasa – Tivemos muita dificuldade, a falta de chuva dificultou e diminuiu a produção de tudo. Mesmo tendo irrigação, a planta não responde bem. “Toda a região sofre, está em crise”, até a água para as pessoas está faltando.

Quando foi a última vez que sua propriedade/comunidade sofreu com a falta de chuva?

Nelci – 2004/2005. Mas antigamente as secas não eram tão seguidas e mais suaves, não tão severas.

Dê sua opinião sobre o por que da estiagem?

Nelci – Desmatamentos, descaso com o lixo nos rios, descuido com o meio ambiente em geral.

Como vocês pensam, em termos de propriedade, para resolver a dificuldade da escassez da chuva? Comose prevenir para o futuro?

Nelci – Água da propriedade vem do poço artesiano, mas cuidado para evitar desperdício. No mais ajuda no plantio de mudas nativas no reserva legal, aqui na Vila Rural de Sede Progresso e a preservar o rio que passa na vila.

Na sua opinião de quem é a “culpa” pelo longo período de estiagem? E quem é responsável por mudar a situação.

Nelci – Todos nós.



Depois de anos na cidade, os Schneider voltam a trabalhar com agricultura

As oportunidades no campo

Entre os princípios de trabalho do Capa, lê-se que – “a união de todos: a organização é a base. O caminho para a agricultura familiar é juntar forças. O Capa auxilia na formação de grupos, associações e cooperativas”. Assim, através da organização de agricultores, existem hoje 12 cooperativas formadas, mais de 100 associações e grupos, 33 feiras ecológicas, duas feiras de peixes, cinco lojas de comercialização de produtos ecológicos, 17 agroindústrias e uma cooperativa de consumidores ecológicos.

Há poucos meses, Lauro e Delci Schneider decidiram: estão de volta à terra. No entanto, 13 anos atrás, venderam sua propriedade e mudaram para a cidade de Concórdia – SC, buscando melhores condições para a filha Patrícia, portadora de deficiência auditiva (o casal tem mais duas filhas, Julima e Cristiane). Até ali, plantavam fumo e milho nos seis hectares localizados no interior de Rancho Grande – SC.

Em Concórdia, Patrícia teve a possibilidade de frequentar aulas especiais. Lauro e Delci

venderam as terras e ele passou a trabalhar como motorista. “Depois de um tempo, compramos nosso próprio caminhão”, contou Lauro. “Tínhamos uma pequena empresa, que acabamos fechando, pois não conseguimos competir com os maiores”, disse dona Delci.

Hoje, a filha Patrícia tem 15 anos e os Schneider retornaram à vida da agricultura familiar. “O outro único emprego que eu poderia ter na cidade

de seria o de pedreiro”, avaliou seu Lauro. “Nunca abandonamos completamente a terra. Mesmo enquanto morávamos na cidade, tínhamos uma horta no sítio do meu pai”, confirmam. “Estamos satisfeitos com a decisão. Além de fazer o frete dos produtos para a Feira Agroecológica de Concórdia, promovida pela Associação de Pequenos Agricultores de Rancho Grande – Aparg, eles já estão plantando hortaliças, têm gali-



A agroindústria Figueira do Prado produz sucos e geléias

nhas, três vacas e “logo logo vamos ter alguns porquinhos.”

O caminho inverso ao êxodo rural – a volta da cidade para o campo – ainda é pouco frequentado, mas indícios mostram que algumas oportunidades estão surgindo e se fortalecendo. Estas mesmas oportunidades, que devagarinho atraem alguns de volta, ao mesmo tempo garantem a permanência de muitos. No entanto, os “nós” existem, e uma das grandes dificuldades ainda é a comercialização. Por isso, cresce a importância das feiras bem organizadas, das associações com um bom planejamento, da implantação das agroindústrias locais e também das cooperativas.

Um bom exemplo é o da agroindústria Figueira do Prado, criada no ano de 2000, no interior de São Lourenço do Sul – RS. “Nosso grupo nasceu a partir de uma proposta de comercializar mel, mas acabamos criando uma agroindústria de sucos, pois algumas mulheres já produziam suco de maracujá”, contou Miriam Britto da Costa (veja foto da capa). “Tínhamos muita dificuldade de colocar a produção. Com a agroindústria, as frutas – pêssego, butiá, ananás, morango, ameixa, araçá, pitanga – têm mercado certo”, confirmou. A maior dificuldade é a burocracia. “O caminho para a legalização da indústria é longo e cansativo”.

Burocracia atrapalha

É opinião unânime entre todos os parceiros apoiados pelo Capa – a burocracia não favorece a criação de pequenas agroindústrias e negócios, que muitas vezes precisam atender regras nos níveis municipal, estadual e nacional. As exigências são pensadas para os grandes e deveriam ser flexibilizadas, de acordo com o tamanho do empreendimento.

É uma questão de políticas públicas”, analisou a economista Angelique van Zeeland, da Fundação Luterana de Diaconia. “As iniciativas comunitárias de geração de renda que atuam na área urbana, como padarias comunitárias e cooperativas de costureiras, enfrentam as mesmas dificuldades, principalmente nas questões de formato jurídico, comercialização e fiscalização de higiene e saúde para os empreendimentos na área de alimentação. Os empreendimentos da economia solidária através dos fóruns e conselhos de Economia Popular Solidária estão estudando e propondo mudanças na legislação para atender ao tamanho e formato destes empreendimentos.”

A força da união

Fotos Paulino Menezes/Capa

O Capa Pelotas está inserido em uma realidade que representa o público diversificado que compõe o conceito atual de agricultura sustentável, e entre eles estão os pescadores artesanais. A história da Cooperativa Lagoa Viva – de pescadores profissionais artesanais da Colônia Z3 – é exemplar. Localizada na cidade de Pelotas – RS, junto à Lagoa dos Patos, foi criada em junho de 2004, com 31 sócios. Hoje, tem 10 vezes mais – são 310 associados, que dispõem de uma fábrica de gelo, de combustível subsidiado, comercializam para o mercado institucional e estão exportando para a Coreia do Norte e para os Estados Unidos.

Tudo começou com as feiras livres, apoiadas pelo Capa, realizadas com cinco famílias de pescadores, duas vezes ao mês, no centro de Pelotas. De cinco bancas, as feiras aumentaram para 10 e logo em seguida, para 15 bancas. “A partir daí, começamos a conversar sobre a criação de uma cooperativa”, conta o presidente da Lagoa Viva, Everaldo Peres Motta.

A conquista seguinte à criação da Lagoa Viva foi a instalação de uma fábrica de gelo, ainda em 2004 – a partir do programa Apoio à Cadeia Produtiva do Pescado Proveniente da Pesca Artesanal da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República – Seap/PR. “O projeto foi executado em parceria com a Prefeitura Municipal de Pelotas”, relatou Everaldo.

Conforme argumentação da Seap em favor do programa, a pesca artesanal é responsável por uma parcela significativa do pescado consumido internamente no país. Um dos grandes obstáculos na consolidação econômica da pesca artesanal é a falta de estruturação da cadeia produtiva, sem unidades de beneficiamento, armazenamento e comercialização. A falta de gelo e câmaras frias que possibilitem a conservação do pescado obri-



As feiras livres foram o ponto de partida para a organização dos pescadores

ga os pescadores a vendê-lo a preços aviltantes, bem abaixo dos valores de mercado. A instalação de fábricas de gelo nas comunidades pesqueiras, localizadas em regiões distantes dos principais centros de comercialização do pescado permite um ganho econômico real para os pescadores.

Realmente, com a fábrica de gelo, os pescadores da Lagoa Viva se viram livres da dependência da fábrica local. “Para as feiras, o mínimo que o fornecedor nos vendia era uma tonelada de gelo – mesmo que só precisássemos de 100 quilos.” Além disso, se o pescador precisasse de gelo em horário fora de produção da antiga fábrica, perdia o pescado. “Hoje, nossa fábrica funciona durante 24 horas, sem parar”, confirmou Everaldo. A produção diária é de 11 mil quilos de gelo e os preços são diferenciados – para não-associados, associados que vendem seu produto fora da cooperativa e para associados que vendem através da cooperativa.

Outra vantagem é a recente instalação de um posto de combustível, que vende óleo diesel subsidiado, que vende óleo diesel subsidiado aos pescadores associados. A tecnologia é moderna – o pescador usa um cartão eletrônico para comprar o óleo, e o valor é descontado mais tarde, na hora do acerto de contas.

Também por meio do Capa, a Lagoa Viva participou da Rede de Cooperação e Comercialização Solidária, junto com cooperativas de agricultores familiares e grupos informais. “No primeiro projeto, entre 2004 e 2005, comercializamos dentro do Programa Fome Zero 24 mil quilos de peixe processado (para os associados, isso significou 45 mil quilos de peixe em natura). “Naquela época ainda não tínhamos a fábrica de gelo, tudo foi muito difícil. Mas enfrentamos as dificuldades e valeu. Fizemos novo contrato com Fome Zero e Conab em 2005 e 2006, que agora está finalizando. Nesta segunda etapa, vendemos 120 mil quilos de peixe processado”

Mercado internacional

O que era “rejeito” virou mais uma fonte de renda para a Lagoa Viva. “Nosso pescador não tinha o hábito de aproveitar o siri azul que ficava preso na rede”, lembra Everaldo. Casual-

O papel da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca

O Brasil possui uma costa marítima com cerca de 8,5 mil km de extensão e uma Zona Econômica Exclusiva (ZEE) de aproximadamente 3,5 milhões de km², que corresponde a quase metade de seu território. Além da favorabilidade de seu clima, possui cerca de 12% do total da reserva de água doce disponível do planeta e mais de 2 milhões de hectares de terras alagadas, reservatórios e estuários, o que o coloca como a última grande fronteira da aquicultura no mundo. Os recursos pesqueiros de suas águas marinhas e doces, embora ainda não levantados em toda sua extensão, constituem importante fonte protéica e um potencial considerável para a produção de alimentos, havendo também potencialidade de desenvolvimento da pesca brasileira em águas internacionais.

A expansão das aquiculturas marinhas e de água doce, que cresceram em média 25,2% ao ano no período 1997-2002, é o exemplo mais significativo das possibilidades de aproveitamento racional e sustentável de sua potencialidade pesqueira. A aquicultura, responsável em 1994 por 4,3% do total de pescado, contribuiu em 2002 com 26,4%, o que permitiu ao Brasil passar do 35º (1999) para o 26º lugar no ranking internacional estabelecido pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

Um alerta

Durante o ano de 2003, a Seap, em seu papel indutor e impulsionador do desenvolvimento da aquicultura e pesca nacional, consolidou o processo de construção do Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável de Aquicultura e Pesca.

Este processo foi iniciado com a realização de 27 conferências em todos os estados e no Distrito Federal e teve como ápice a 1ª Conferência Nacional de Aquicultura e Pesca, em 2003, na qual 953 delegados e delegadas, de um universo de 1.056 eleitos, discutiram e aprovaram os subsídios para a construção de uma política de desenvolvimento sustentável da aquicultura e pesca que respeite as particularidades regionais e a pluralidade de opiniões.

O papel do estado, por meio da Seap/PR, será fomentador, investindo na modernização da cadeia produtiva da aquicultura e pesca, estimulando parcerias com os estados e municípios e incentivando o cooperativismo e o associativismo. Terá como meta dotar os setores da aquicultura e pesca de infraestrutura de suporte das atividades que contemplem não só o incentivo à criação de indústrias modernas de beneficiamento do pescado, construção de entrepostos e frigoríficos, ampliação, renovação e modernização da frota pesqueira, como também o apoio à exportação e comercialização interna.

Para o sucesso de uma política

com tal envergadura são necessários investimentos significativos em pesquisa para impulsionar o desenvolvimento tecnológico, uma revisão da legislação e uma ação mais ativa do Estado, permitindo o controle da atividade e a agilidade no estabelecimento de políticas desenvolvimentistas, garantindo, desta forma, sua sustentabilidade.

A partir da criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca resgatou-se a dívida do país com a pesca brasileira, que durante os últimos anos esteve relegada aos escalões inferiores da política e da economia, sendo responsável hoje por 834 mil empregos diretos, 2,5 milhões de indiretos e por uma renda anual de 4 bilhões de reais.

Além disso, os setores passam a ser incentivados por políticas de desenvolvimento sustentável que, segundo projeções modestas, podem elevar a produção brasileira de pescados, até o final de 2006, de 985 mil t/ano para 1,5 milhão de t/ano e criar mais de 150 mil empregos diretos e 400 mil indiretos, podendo dobrar a renda gerada.

Com o conjunto de instrumentos apresentados a seguir, o governo terá condições de imprimir um ritmo de crescimento próximo a 20% ao ano na produção de aquicultura e pesca, transformando-a em parte substancial do esforço de desenvolvimento econômico e social do país.

mente, ele conheceu, em Rio Grande (cidade que fica ao lado de Pelotas), uma empresa que exporta o siri. Agora, a cooperativa entrega o produto e este é exportado para a Coreia e para os Estados Unidos. Antes, o pescador conseguia de R\$ 0,30 a R\$ 0,40 por quilo. Hoje, o valor obtido é o dobro: R\$ 0,80 por quilo – destes, R\$ 0,15 ficam na cooperativa. “Em 2005, comercializamos 24 mil quilos de siri azul; no primeiro trimestre de 2006, a quantidade comercializada já é de 79 mil quilos.”

A Colônia de Pescadores Z3 fica a 24 quilômetros do centro da cidade de

Pelotas. Não existem fábricas à volta, que possam eventualmente absorver trabalhadores. “Sem o peixe, não temos como sobreviver”, confirmou Everaldo. Por isso, além de todo o bom trabalho de gestão da cooperativa, também cresce a preocupação com o meio ambiente entre os pescadores profissionais artesanais. “Estamos planejando uma série de ações de formação na área ecológica, para os meses quando temos que ficar parados – entre junho a setembro”, contou.

Sobre o rápido crescimento da Cooperativa Lagoa Viva – o próximo sonho é a formação de uma rede de cooperativas de pesca, para ampliar o mercado, a primeira reunião aconteceu no dia 25 de novembro deste ano – Everaldo avaliou que a criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República – Seap/PR e, com ela, o surgimento de uma série de políticas públicas e possibilidades de investimento, fez toda a diferença. Ainda, Everaldo elogiou o bom trabalho que vem sendo desenvolvido pela Conab. Quanto ao Capa – “tudo o que eu estiver falando, tu sabes que o Capa está junto. É um grande parceiro”.

Agricultores ecológicos formam cooperativa no Paraná

Depois de várias reuniões, encontros e seminários debatendo e avaliando os princípios e objetivos do cooperativismo, 40 lideranças, representantes de 11 associações municipais de agricultores familiares ecológicos do Oeste do Paraná, aprovaram a formação da Cooperativa Agroecológica e da Indústria Familiar – Coperfam. A assembleia de fundação aconteceu no dia 16 de setembro, na cidade de Marechal Cândido Rondon e durante todo o processo de estudo e estruturação, a cooperativa contou com assessoria Capa Rondon e da Emater/PR.

O coordenador do Capa Rondon, Vilmar Saar, considerou que “a constituição da cooperativa vem consolidar o trabalho desenvolvido, em parceria, há mais de 10 anos na região”. Segundo ele “a proposta, aprovada nas oficinas municipais e reafirmada em assembleia geral, é de que a cooperativa atue como o elo maior da produção ecológica regional, fortalecendo a interação e a solidariedade entre as famílias filiadas às diversas associações municipais”.

A primeira associação constituída, voltada para a produção sustentável, foi a Associação Central dos Produ-



Primeira diretoria e conselho fiscal da recém criada cooperativa

tos Rurais Ecológicos – Acempre – que está completando 14 anos. Mas foi com a estruturação do núcleo local do Capa, em 1997, junto com o gradativo envolvimento de diversos órgãos e entidades, que o número de

famílias e associações voltadas para a produção ecológica cresceu.

Participaram da assembleia de fundação da novíssima cooperativa cerca de 40 lideranças. A expectativa é de que, depois de formalizada,

em um ano já se tenha em torno de 80 a 100 famílias associadas. “Temos esse número em mente pois no raio prioritário de atuação da cooperativa, que é de 70 km a partir da sede em Rondon, e que abrange 14 municípios, já existem cerca de 180 famílias no sistema de produção ecológica”, disse Saar.

Primeira diretoria

A primeira diretoria da Coperfam ficou assim constituída: presidente, Egon Bredlau; secretário, Herbert Bier; tesoureiro, Voltaire Baldan da Silva, tendo como vices: Herberto Lamb, Valmir Anderle e Pedro Stein. Para o conselho fiscal foram eleitos: Anderson Bender, Erci Sonntag e Ervino Mittanck, como membros titulares, e Ari Luckmann, Bertilo Rerkziegel e Semilda Lenz, como membros suplentes.

Segundo o presidente, Egon Bredlau, “inicialmente, a cooperativa terá uma estrutura simples, sem funcionários, realizando a representação e viabilizando a comercialização, em conjunto com as associações”. “A nossa expectativa é de que, até início de 2007, estejamos com a cooperativa legalizada e pronta para negociar a safra de grãos orgânicos dos associados”, concluiu Bredlau.

“(Capa Marechal Rondon)

em Linha Floresta, município de Vera Cruz – RS, em 1º de julho deste ano. Cinco famílias do grupo – Flávio Loebens, Clara Teresinha e Irineu Wagner, Rosane Maria e Vanderlei da Silva, Clair Vitória e Remígio Wagner, Érika e Egídio Astor Helfer – optaram por investir no plantio e beneficiamento da cana de açúcar ecológica, além das hortaliças.

“A inauguração desta agroindústria é um exemplo de que é possível construir a pluralidade, respeitando opiniões divergentes”, disse o prefeito de Vera Cruz, Guido Hoff. “É preciso diversificar a agricultura familiar na nossa região (conhecida nacionalmente como produtora de fumo) e criar opções diferenciadas de renda”, confirmou.

A nova agroindústria integra a rede da Ecovale, que tem sede em Santa Cruz do Sul.

Ecovale completa seis anos de atividade

A Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecológicos – Ecovale é formada por agricultores e agricultoras dedicadas a agroecologia. Com sede em Santa Cruz do Sul – RS, a cooperativa nasceu com a finalidade de suprir uma lacuna, neste setor, e de dar abrigo jurídico a grupos organizados de agricultores interessados em produzir e comercializar produtos ecológicos.

Os produtos comercializados nas lojas e nas feiras pela cooperativa são produzidos sem a utilização de adubos químicos, agrotóxicos e sementes transgênicas. Por trás disso estão propostas de organização (produção e venda) e da construção de uma sociedade mais justa, saudável e solidária.

A Ecovale se constitui numa organização extremamente importante para os agricultores fa-

miliares ecologistas do Vale do Rio Pardo, no momento que está em debate a diversificação da produção agrícola e econômica da região – que tem uma forte tradição de produtora de fumo. Associada à idéia de diversificação, a Ecovale traz consigo a preocupação com a preservação ambiental e a qualidade biológica e nutricional dos alimentos.

A Cooperativa Ecovale possui duas lojas em Santa Cruz do Sul (Thomás Flores, 805 e Av. João Pessoa, 947) e outro ponto de venda em Teutônia (Av. 1-Norte, 10, Bairro Centro Administrativo).

Diversificação

“Nossa história começou em 2000, com a criação do Núcleo Ecoflorestal Sintonzado”, lembrou o agricultor Irineu Wagner, durante a inauguração da Agroindústria Ecológica de Derivados de Cana-de-Açúcar,

As idéias e os ideais por meio da ecologia

O engenheiro agrônomo Sighard Hermany foi homenageado, junto com outros importantes nomes, durante comemoração da criação do município Vale do Sol – RS. Nascido na localidade de Formosa (em Vale do Sol), formou-se em Agronomia pela Universidade Federal de Pelotas em 1977. Convicto sobre a idéia da agroecologia – “é muito mais do que produzir sem agrotóxicos ou de forma orgânica e ecológica. É uma proposta de desenvolvimento e junto está a promoção de justiça social, a preservação do meio ambiente, o desenvolvimento sustentável” – buscou trabalhar onde pudesse por suas idéias em prática.

Depois de formado, trabalhou na Pioneer, entre os índios na reserva Guarita – a maior do Estado –, no Capa em Arroio do Tigre e depois em Três de Maio. Em 1992 saiu dessa entidade e voltou para Formosa. “Aí, já tinha ocorrido a emancipação e havia a campanha para a primeira eleição. Me engajei na campanha política e na criação do Partido dos Trabalhadores”, relembra.

Naquela administração (1993 a 1996) Hermany foi nomeado o primeiro secretário da Agricultura, Indústria e Comércio do novo município. Ele recorda que sempre se procurou reforçar o trabalho do Capa, tanto que Vale do Sol foi um dos primeiros no Rio Grande do Sul a assumir, em forma de convênio, um trabalho voltado para a agroecologia.

“Nessa época já se falava em agroecologia, mas uma administra-



Hermany: Longo trabalho com o município Vale do Sol

ção que colocou dentro das suas prioridades e seu plano de trabalho o apoio concreto a esse sistema, inclusive com convênio formalizado, foi Vale do Sol”, revela.

Quanto à continuidade dessa parceria, o agrônomo destaca como algo muito positivo. “Inde-

pendente de trocas partidárias, nunca se deixou de apostar na produção ecológica. Essa é outra característica importante no município e que deve ser preservada”, analisa. Em 1988, Hermany voltou a atuar no Capa, desta vez em Santa Cruz do Sul. Um dos ei-

xos principais do seu trabalho é assessorar a Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecológicos – Ecovale.

Sobre o papel do município dentro da Ecovale, Hermany fala ser algo de extrema importância. “A Ecovale tem forte raiz em Vale do Sol. Dos oito grupos, quatro são daqui. Também há um grupo em Santa Cruz, em Vera Cruz e em Venâncio Aires”. E acrescenta: “Posso dizer que tenho um sonho: que Vale do Sol se torne um município referência em agroecologia. O potencial existe, a começar pelo nome”.

Para o agrônomo, isso pode ser alcançado com a continuidade e maior ênfase do apoio da administração municipal nesse modelo de produção; a partir das iniciativas dos agricultores e aceitação do que é proposto pela agroecologia e pelo cooperativismo. “Acho que é a proposta de desenvolvimento que hoje é sustentável. A proposição da agricultura química, ela se esgota, pois depende de muito insumo externo e, ao mesmo tempo, ela tem um impacto ambiental muito forte. Também o alimento resultante desse tipo de produção é altamente questionável do ponto de vista da saúde. Cada vez mais, as pessoas que têm um certo grau de informação se preocupam com a saúde. Então, a preocupação com a qualidade do alimento que está sendo ingerido também cresce”, finaliza. (Fernanda Finkler/Folha de Vale do Sol)

Rede Ecovida

O Núcleo Oeste-PR da Rede Ecovida existe há três anos e conta com 159 famílias de agricultores ecológicos cadastrados, organizados em grupos e associações, em 14 municípios da região.

O Capa vem acompanhando e assessorando os grupos nos três sub-núcleos da Rede na região. Entre as atividades desenvolvidas está o encontro anual do núcleo, reuniões de coordenação e do conselho de ética e as visitas de certificação participativa.

As visitas de certificação, como

é praxe na rede, vem ocorrendo de forma participativa proporcionando ricos momentos de trocas de experiências e intercâmbios entre os próprios agricultores e os técnicos do Capa e das associações.

Segundo Vilmar Saar, coordenador do Capa Marechal Rondon, “este trabalho tem contribuído para o fortalecimento da agroecologia e do papel do Capa, uma vez que atuamos em parceria com várias entidades na região”.



Certificação participativa permite troca de experiências

Jovens dão o exemplo

No Vale do Rio Pardo – RS, dois grupos de jovens estão dando uma lição de como cuidar da saúde, promover qualidade de vida e cuidar do meio ambiente. Recebendo assessoria técnica do Capa Santa Cruz os núcleos Associação de Jovens Ecologistas São Martinho – Ajesma e Associação de Jovens Agricultores Ecologistas – Ajae estão engajados e dedicados às questões de preservação através da produção ecológica.

O Núcleo Ajesma, de São Martinho, interior de Santa Cruz do Sul, está atualmente composto por oito famílias. O grupo tem como atividade principal a produção ecológica de hortifrutigranjeiros. Além disso, estes jovens também se destacam na produção, através de beneficiamento, de geleias, vinhos, sucos e outros. Estes produtos, derivados da agricultura familiar ecológica, podem ser encontrados nas Feiras Ecológicas e nas lojas da Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas – Ecovale em Santa Cruz do Sul.

O Núcleo Ajae, de Passo da Areia, interior de Rio Pardo, vem trabalhando com produção ecológica mais recente-

mente. Está com 10 famílias e destaca-se nas atividades apícolas – não essencialmente extrativistas, produção de morango, melão, melancia. Seis jovens do grupo, a partir dos resultados obtidos, sem a utilização de adubos químicos solúveis, agrotóxicos e sementes transgênicas, estão, através do Programa Crédito Fundiário, do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, encaminhando um projeto para a aquisição de uma área que será voltada totalmente para a produção ecológica comunitária. Este grupo também está se associando a Cooperativa Ecovale.

Segundo o engenheiro agrônomo Jair Staub “o interessante é que o grupo se formou a partir das idéias dos próprios jovens. A partir do exemplo através das atividades que os jovens vêm desenvolvendo, em suas comunidades, outras famílias também estão se engajando.” Estas atividades familiares estão tornando a alimentação familiar mais rica e levando estes produtos ao alcance da comunidade. Aliado a estes benefícios relativos à saúde, ainda conseguem melhorar a renda familiar.



Engenheiro agrônomo Rogério durante trabalho com o mel

Produção de mel ecológico

O Capa Santa Cruz assessora na região serrana do Município de Vale do Sol 18 famílias que estão envolvidas na produção ecológica de mel. Esta maneira de produzir, de forma consciente e não totalmente extrativista, além de visar a preservação do meio ambiente, busca também cuidar da saúde de quem produz e consome, através de técnicas adequadas de manejo.

Atualmente as famílias chegam a comercializar 2 mil quilos de mel por ano. Segundo o engenheiro agrônomo Rogério Boemeke, além de ser comercializado nas lojas da Cooperativa Ecovale (com sede em Santa Cruz do Sul – RS), o produto já foi vendido para o estado de São Paulo mediante aprovação da sua qualidade. Em

Vale do Sol estão em desenvolvimento duas casas do mel, enfocando o seu beneficiamento e agregação de valor. As instalações estão em fase bastante avançadas, de acabamento e de legalização.

Mel

Princípio ativo: magnésio, lítio, cloro, antibiótico, vitaminas. Estes são alguns.

Propriedades terapêuticas: antianêmico, fortificante, depurativo, antibiótico, restaurador do organismo, ajuda na longevidade, sedativo, auxilia no sono, gripes e resfriados. Tônico do cérebro, cardiopatia, ajuda o intestino preguiçoso, alivia o cansaço e a fadiga.

Adote um novo estilo de vida, cuidando da sua alimentação. Seguem aqui algumas receitas organizadas por Valdete Jantsch, economista doméstico, do Capa Erexim.

CUCA INTEGRAL

Ingredientes:
1 ovo
1 prato de pão de farinha de trigo branca
1 prato de pão de farinha integral
1 xícara de açúcar mascavo
2 colheres de sopa de mel
3 colheres de sopa de leite
2 colheres de manteiga rasa
1 colher de chá de sal
2 colheres de fermento p/ pão
1 e 1/2 xícara de água morna
Raspa de laranja

Modo de preparar: misturar a farinha, o açúcar, o fermento, a gordura, o ovo, aos poucos a raspa e o suco de 1 laranja e a água morna. Sove bem até formar uma massa lisa. Abra a massa, recheie as cucas e enrole, coloque em uma forma e deixe crescer. Quando estiver crescido, passar 1 ovo batido e a farofa. Asse em forno de 250 °C por mais ou menos 45 minutos.
Rendimento: 2 cucas
Recheio: opcional

Receitas de Sucos
Todos os sucos são acrescentados água a gosto.

SUCO ANTIESTRESSE

Ingredientes:
1 maçã
550g de cenoura

100g de brócolis
50g de salsa

Modo de preparo:
Corte as cenouras e as maçãs com casca e sem sementes em pedaços pequenos e bata na centrífuga ou liquidificador com os demais ingredientes.
Dica: Alto teor de vitaminas A, C, E. Também funciona como anticancerígeno e é indicado para displasia mamária. Ajuda a relaxar

SUCO ALEGRIA

Ingredientes:
1 abacaxi bem maduro
5g de hortelã
5g de gengibre
Modo de preparo:
Descasque o abacaxi e corte em pedaços, retirando o miolo. Bata os demais ingredientes na centrífuga ou

liquidificador.
Dica: Suco enzimático, rico em potássio, indicado para hipertensão, resfriados e problemas respiratórios. Dá energia.

SUCO CORAGEM

Ingredientes:
1/2 pimentão vermelho
1 maçã
155g de beterraba
350g de cenoura
Modo de preparo:
Corte as cenouras, as beterrabas, as maçãs com casca e sem sementes e o pimentão sem sementes em pedaços pequenos e bata na centrífuga ou liquidificador.
Dica: Rico em ferro, bioflavonóides e vitamina C. Indicado para anemia e pessoas que não se alimentam bem.

Furo: uso de agrotóxicos cresce onde devia cair

Por Luiz Weis*

A data de 3 de dezembro marca o Dia Internacional do Não ao Uso de Praguicidas com o objetivo de fazer um chamado e uma tomada de consciência da população mundial sobre um grave problema social e ambiental gerado pelo uso de praguicidas.

Para refletir sobre o assunto, o Recado da Terra traz o artigo a seguir:

Com menos destaque do que o assunto merece e um título vago – “Sinais de resistência transgênica a herbicida” – o jornal Valor traz hoje (16/11/2006) os primeiros e alarmantes números sobre os efeitos do plantio da soja geneticamente modificada sobre o consumo de agrotóxicos no Brasil.

Um dos argumentos mais usados pelos defensores da agricultura transgênica é que ela contribui para deter a degradação ambiental. A soja GM, por exemplo, por ter sido criada para dar à planta maior resistência a pragas, dispensaria o uso de agrotóxicos na escala exigida pela variedade convencional.

No entanto, apurou o repórter Mauro Zanatta, citando dados do Ibama, o emprego dos 15 principais agrotóxicos aumentou tanto ou mais do que a área ocupada pela soja transgênica. No Rio Grande do Sul, a aplicação do agrotóxico glifosato cresceu 162%, quatro vezes mais do que a área plantada.

Aparentemente, a culpa é dos produtores. Segundo especialistas, eles usam o glifosato “de forma excessiva e incorreta”. Seja como for, o resultado é a maior resistência das ervas daninhas, o que leva o sojicultor a usar mais herbicidas, no clássico círculo vicioso.

Não se trata de demonizar o uso da biotecnologia, na agricultura ou na produção de medicamentos. Graças à insulina criada pela engenharia genética, por exemplo, a crescente população mundial de diabéticos não corre perigo de ficar sem o re-

médio. O algodão transgênico é outra história de sucesso. Que o digam os chineses.

Mas, do mesmo modo como notícia esses fatos incontestáveis, a mídia precisa estar atenta para o “outro lado” do problema, como fez o Valor. Pela sua importância, eis a matéria na íntegra:

“A introdução da soja geneticamente modificada elevou a aplicação de agrotóxicos no país. O aumento derivou do maior uso de herbicidas à base de glifosato, um princípio ativo recomendado para a soja transgênica Roundup Ready, da multinacional Monsanto.

De 2000 a 2004, o consumo de glifosato cresceu 95% no Brasil, enquanto a área plantada de soja avançou 71%, segundo dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). No Rio Grande do Sul, principal pólo nacional de soja transgênica, o consumo de glifosato cresceu 162% e a área total, 38%.

“O Rio Grande do Sul é um exemplo do que vai acontecer no país com esse uso de transgênicos”, diz o geneticista Rubens Nodari, gerente de Recursos Genéticos do Ministério do Meio Ambiente. De acordo com os dados do Ibama, em Mato Grosso, maior produtor nacional de soja,

a utilização dos 15 principais herbicidas usados no grão cresceu 67% no período – para 15 mil toneladas – e a de glifosato, 93%. Nos quatro anos, a área plantada registrou salto de 95%, para 6,1 milhões de hectares.

O levantamento do Ibama indica que os produtores gaúchos de soja incrementaram em 106% o consumo dos principais herbicidas. O volume saltou de 9,8 mil para 20,2 mil toneladas no período. O consumo de glifosato no Estado teve uma elevação de 162%, para 19,3 mil toneladas. No mesmo período, a área plantada de soja no Rio Grande cresceu 38% e atingiu 4,1 milhões de hectares. “Essa área foi ocupada pela soja transgênica, o que elevou o consumo total de herbicidas”, diz Nodari.

Estudo concluído por especialistas da Embrapa Trigo, Universidade de Passo Fundo (RS) e Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa Fecotrig (Fundacep) corrobora os dados do Ibama ao mostrar a relação entre o aumento da resistência de espécies de ervas daninhas invasoras em decorrência do uso contínuo de glifosato nas lavouras gaúchas de soja transgênica. “Aumentou o volume de glifosato porque ele tomou es-

paço de outros herbicidas”, diz Leandro Vargas, pesquisador da Embrapa Trigo, de Passo Fundo.

Os especialistas argumentam, porém, que os produtores têm usado o glifosato de forma excessiva e incorreta. “Eles usam na dessecação para fazer o plantio direto e ainda duas vezes na pós-emergência da planta”, relata Vargas. “Isso é terrível. Não pode usar mais que duas vezes na mesma área. Do contrário, cria-se mais ervas daninhas com resistência cada vez maior”. Segundo ele, o produtor pode usar qualquer outro produto na pós-emergência da soja transgênica. “Não é apenas o glifosato”. (Fonte: Observatório da Imprensa, publicado em 21/11/2006; <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/index.asp>)

* Luiz Weis é jornalista, pós-graduado em Ciências Sociais pela USP, onde lecionou Sociologia da Comunicação. Escreve no Observatório da Imprensa e no jornal “O Estado de S. Paulo”. É autor, com Maria Hermínia Tavares de Almeida, de “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar, in “História da Vida Privada no Brasil”, Lilia Moritz Schwarcz (org.), 1998, e do perfil político de Vladimir Herzog (sem título), in “Vlado – Retrato da morte de um homem e de uma época, Paulo Markun (org.), 1985. Recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo Científico, em 1990.

Por um ambiente limpo e uma alimentação saudável

A data de 3 de dezembro marca o Dia Internacional do Não ao Uso de Praguicidas, chamando para a reflexão e tomada de consciência da população mundial sobre um grave problema social e ambiental gerado pelo uso de praguicidas. Esta data foi estabelecida pelas 400 organizações membros da Rede de Ação em Praguicidas, Pan Internacional (Pesticide Actions Network), em 60 países.

A Rede de Ação em Praguicidas – RAP-AL se vincula a um chamado pela Soberania Alimentar dos Povos, ratificando seu compromisso, reafirmando seu apoio e solidariedade com as organizações de agricultores e agricultoras familiares e comunidades rurais.

O programa de segurança epidemiológica dos Ministérios da Saúde e a Organização Panamericana da Saúde, em sete países da América Central, acenam que a cada ano 400 mil pessoas se intoxicam por praguicidas. Somente no Brasil, se estima que ocorreram em torno de 300 mil casos ao ano. A intoxicação por praguicidas representa um grave problema de saúde

pública, qualificado pela Organização Mundial da Saúde – OMS como endêmico. As intoxicações crônicas podem provocar graves enfermidades – como câncer e malformação congênita – e alterações no sistema imunológico, neurológico e reprodutivo.

Mesmo assim, o mercado dos praguicidas na América Latina segue crescendo. No ano de 2002, as vendas alcançaram US\$ 4.351 bilhões. Entre os anos de 2003 e 2004, o mercado cresceu em 30%, com vendas de US\$ 5.4 bilhões, e as estimativas para o ano de 2009 é que as vendas alcancem a cifra de US\$ 7.5 bilhões.

O Brasil concentra 63% das vendas e é o maior mercado da região. É preciso que os governos proibam o registro e o uso de praguicidas altamente perigosos (1ª e 1b, segundo a OMS) e com efeitos crônicos.

Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA e Rede de Ação em Praguicidas e suas Alternativas para a América Latina – RAP-AL